



ESTUDOS EM HOMENAGEM A
LUÍS ANTÓNIO DE OLIVEIRA RAMOS
VOLUME 1

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Viagem, ciência e administração no Brasil colonial - os gabinetes setecentistas de história natural de Luís Pinto de Balsemão, de Luís de Vasconcelos e Sousa e de Luís de Albuquerque Cáceres

João Carlos Brigola

Viagem, ciência e administração no Brasil colonial - os gabinetes setecentistas de história natural de Luís Pinto de Balsemão, de Luís de Vasconcelos e Sousa e de Luís de Albuquerque Cáceres

João Carlos Brigola *

A Biblioteca Pública Municipal do Porto organizou em 2000 uma exposição, cujo Catálogo se intitulou *Zoologia & Botânica do Brasil. Desenhos de História Natural*. Também visitável na Biblioteca Nacional de Lisboa (Fevereiro/Maio de 2002), nela se apresenta o Códice 1200, composto por uma coleção anónima de desenhos aguarelados de animais e de plantas, com legendas em português. O texto introdutório do Catálogo, de Isabel Mayer Godinho Mendonça, apresenta nova interpretação sobre a autoria dos desenhos, atribuindo-a aos desenhadores Joaquim José Codina ou José Joaquim Freire, que acompanharam Alexandre Rodrigues Ferreira à Amazónia (1783-1792), e não, como vinha sendo defendido, ao italiano António José Landi. Associados a estes desenhos de história natural surgem os nomes de dois colecionadores naturalistas, Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1º Visconde de Balsemão, e Luís de Albuquerque de Mello Pereira Cáceres. O texto que elaborámos retoma estes e outros nomes, tentando enquadrá-los também na perspectiva da história da museologia e da história da cultura, à luz das quais o significado destes desenhos pode ganhar, cremos, outros contornos¹.

1. Nos três proprietários de gabinetes setecentistas de história natural, que a seguir se introduzem, padroniza-se uma atitude colecionista relacionada, antes do mais, com a forte ligação ao mundo natural do Brasil. Depois do regresso ao Reino - cumpridos os mais altos cargos na administração colonial - estabelecem gabinetes para acondicionarem os frutos das suas recolhas americanas, bem como os espécimens entretanto obtidos por compra ou permuta com outros colecionadores nacionais (incluindo o Museu régio da Ajuda) e - pelo menos no caso de Cáceres - através da correspondência com amadores europeus.

O que verdadeiramente se sabe sobre a organização e o acervo destes gabinetes é muito pouco. Quase nada, para além da personalidade de quem os fundou, da localização e do curto período em que existiram. Provavelmente por isso - por terem durado pouco e serem, afinal, insignificantes as coleções - as fontes são tão escassas que até os viajantes estrangeiros, sempre tão ávidos de curiosidades e sempre tão bem acolhidos pelos nossos colecionadores, os ignoram nos próximos relatos lusitanos.

A existência mesma destes três gabinetes quase só se deixa surpreender porque os seus proprietários não souberam (ou não quiseram) resistir à feira de vaidades publicitada anualmente no *Almanach de Lisboa*. Mas a um universitário experiente e viajado como Link não escapará a dimensão aparentemente doméstica deste - como o classifica ele - naturalismo diletante cultivado por alguma nobreza de Corte: "A entendre l'Almanach Royal, il existe à Lisbonne une grande quantité

* Departamento de História e Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora.

¹ Este texto encontra-se incluído em *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

de collections d'histoire naturelle, des laboratoires chimiques et des jardins botaniques; mais il ne faut pas trop s'y fier. Plusieurs de ces établissements ne méritent pas la moindre attention. (...) Assurément ce ne peut être que par plaisanterie que le fils du ministre de la guerre, Don Luiz Pinto Maximo [Balsemão], a laissé citer, dans l'Almanach Royal, ses collections et son laboratoire"².

E, no entanto, não consideramos de todo destituída de interesse a atitude naturalista destes fugazes colecionadores. Porque, olhando de perto estes homens - as suas ocupações e as suas carreiras, as suas leituras e os seus parceiros intelectuais - os gabinetes, que em certo momento entenderam esboçar nos recantos discretos das suas nobilitadas residências, iluminam-se com o sentido da coerência erudita de uma vida, para alguns mesmo a serôdia confirmação de uma obsessão e de uma paixão juvenis.

O primeiro deles, D. Luís Máximo Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804) - investido com o título de 1.^o visconde de Balsemão, e honras de Grande do Reino³ - encontramos-lo a participar no universo colector das colecções de um Domingos Vandelli, de um Rollen Van-Deck e de um Gerard de Visme. Em 1768 ocupa o cargo de Governador e Capitão-General de Mato Grosso, e logo de Vila Bela (cidade fundada em 1759, a 2000 quilómetros da costa) faz chegar à Ajuda uma longa lista de produções naturais⁴.

Dá-se muito mal com o clima tropical e pede insistentemente para ser substituído, chegando a suplicar a interferência privilegiada de Vandelli junto do marquês de Angeja⁵. Mesmo assim, ainda se entusiasma com os progressos da história natural no Reino, com a criação do Jardim Botânico da Ajuda, com a contratação de um botânico régio e com os seus escritos naturalistas: "Sr. D. or Domingos Vandelli. Recebi com a maior satisfação a ultima carta com q. se dignou favorecer-me, e li com especial gosto a memorea sobre a utilidade dos jardins botanicos, a respeito das Artes, e Agricultura: dando a V.mercê os parabens, de ser o primeiro que depois de muitos anos mostrou aos Portugueses, o que verdadeiramente convem aos seus interesses; e o que lhe he inseparavel da gloria das Naçoins. Os grandes progreços do Jardim Bottanico, e do Gabinete Regeo, anunciam a Portugal, huma fermentação consideravel, nos espiritos: e a Protecção que Sua Magde. dá ás artes mais proveitosas á Sociedade, completarão a nossa fortuna (...) "⁶.

O próprio Balsemão se assumia como protagonista da comunidade de naturalistas alimentando a esperança de ver publicados um dia os seus estudos, conduzidos de acordo com a moderna sistemática linneana: "a ver se me achava com forças para descrever a m.^a obra bottanica, que intregarei á correção apenas chegar a Lx.^a ; e he tudo quanto pode fazer hum homem que se tem visto quasi sego neste paiz; e que tem quebrado o fio de m.^a s curiosidades: (...) muitas plantas, Aves, Animaes, peixes (...) exactamente desenhados, qdo. ahi chegar; com (...) descrição, sytemattica, na forma do methodo do Sr. Lyneu"⁷.

Será certamente como recompensa deste esforço pioneiro (porque anterior às *viagens philosophicas* da década de oitenta) de fazer recolher produtos naturais exóticos nos sertões do Pará e Mato Grosso, com destino aos naturalistas metropolitanos, que Vandelli lhe estampará a justa homenagem naturalista no Catálogo *Hortus Olistiponensis (1771)* fazendo desenhar, e descrevendo, uma nova planta com o tãxone de *Balsamona Pinto*.

Regressado a Lisboa, continua a carreira de serviço público que o há-de levar a ocupar, primeiro, o lugar de ministro extraordinário em Londres (de onde parte em 1788⁸) e, depois, sucessivos cargos ministeriais na marinha, nos negócios estrangeiros e guerra, nos negócios do reino e mercês. E é já nesta destacada condição governamental - em 1803, no ano anterior à da morte - que dá a conhecer ao público (pela primeira e última vez) a existência do seu gabinete de história natural,

² H. F. Link, *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, Paris, Levraut, Schoell e C.^a, 1803, t. I, pp. 297-302.

³ Obteve o título nobiliárquico por Decreto de 14 de Agosto de 1801 (Cfr. *Gazeta de Lisboa*, 28 de Agosto de 1801).

⁴ *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bela, 8 de Fevereiro de 1769)*, AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage), CN/B-92.

⁵ *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bela, 1 de Dezembro de 1771)*, AHMB, CN/B-93.

⁶ *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bela, 1 de Dezembro de 1771)*, AHMB, CN/B-93.

⁷ *Idem, ibidem*.

⁸ Poderá ter origem nesta sua estada em Londres a condição de sócio da Royal Society (Cfr. *Almanach de Lisboa para o anno de 1802*, p. 517)

localizado em Belém⁹.

Em paralelo com a actividade política tinha mantido uma forte ligação à Academia das Ciências, assinalada não só pelo facto de pertencer à classe muito restrita dos sócios honorários como, sobretudo, pelo notável estudo publicado pela agremiação com o título de *Memoria sobre a descrição physica e economica do logar da Marinha Grande*¹⁰, além de outros trabalhos de carácter naturalista que sabemos ter apresentado em assembleias académicas¹¹. Aliás, a julgar por uma significativa passagem de carta endereçada por Barbacena a Vandelli, em 1782, este elo seria datável dos anos de fundação da Academia e passava pelo apadrinhamento de novos sócios, tal como é referido no caso do botanista João de Loureiro: "Chegou a Lisboa hum ex-Jezuita Portuguez da Conchichina chamado Fr. Loureiro, que a Academia tinha já há muitos mezes eleito Correspondente (...) dizem-me que he grande Botanico e muito Observador, e por tal tinha sido lembrado, e recommendado pelo Balsemão, que foi quem nolo deu a conhecer"¹².

2. O segundo dos proprietários referidos, Luís José de Vasconcelos e Sousa (1740-1807), aristocrata da Casa dos Castelo Melhor, *gentleman naturalist*, seguiu na capital fluminense, como vice-rei, os avatares da moda europeia possuindo gabinete privado, rico de colecções naturais e artificiais, entregue aos cuidados do zelador Francisco Xavier Cardoso Caldeira, o 'Xavier dos Pássaros'¹³.

Enquanto homem público demonstraria igual tipo de preocupações quando - aparentemente relacionado com o facto de ele próprio ter adoecido com a epidemia conhecida por 'Lamparina' e animado por preocupações de higiene pública - ordenou o aterro de uma lagoa e em seu lugar fez construir um parque (o Passeio Público) para onde ideou, em 1784, o primeiro museu de história natural do Brasil, a Casa de História Natural. Popularmente conhecida como Casa dos Pássaros, por mais de vinte anos aqui se colecionaram, armazenaram e prepararam produtos naturais e adornos indígenas para enviar a Lisboa¹⁴.

Pela correspondência trocada com a Corte é possível comprovar como a sua acção governativa prosseguia com diligência as tarefas de colector de espécimens naturais requeridos pela Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos e pelo Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Sirva de exemplo a carta de 17 de Junho de 1783, enviada ao ministro Martinho de Melo e Castro, na qual manifestava merecido orgulho por as remessas enviadas para Lisboa serem apreciadas pelos naturalistas régios - "a variedade das espécies, a beleza das formas, a naturalidade dos gestos, tudo imita exactamente a natureza"¹⁵ - e informava que as operações de recolha e preparação de pássaros, quadrúpedes, insectos e peixes eram da autoria do zelador do seu gabinete privado, enviando na ocasião uma caixa com borboletas e outros insectos preparados pelo dito Francisco Xavier¹⁶.

É este homem, cujas especiais responsabilidades no labor fitológico de frei José Mariano da Conceição Veloso são amplamente conhecidas, que regressará ao Reino em 1790 para ocupar os mais altos postos da hierarquia do Estado, naturalmente acompanhado das suas colecções até então acondicionadas no Palácio do Vice-Rei, no Rio de Janeiro.

Cinco anos volvidos, o *Almanach* começa a divulgar a existência de um gabinete de história natural na residência do sócio honorário da Academia Real das Ciências e presidente do Senado da Câmara de Lisboa, Luís José de Vasconcelos e Sousa, na Calçada da Glória, junto ao 'Passeio Público'¹⁷. O aristocrata colecionador ali viveria - "no quarto baixo" do Palácio Castelo Melhor, mais "6

⁹ *Almanach de Lisboa para o anno de 1803*, p. 543.

¹⁰ M. B. Amzalak, *A economia política em Portugal. O fisiocratismo. As memórias económicas da Academia e os seus colaboradores*, p. 73) considera este texto, publicado no t. V das *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências*, "um estudo notável".

¹¹ A *Gazeta de Lisboa* dá conta de que numa assembleia pública da Academia "leo huma Memoria sobre a cultura da mesma planta [batata]" (11 de Julho de 1795, 2^o Suplemento).

¹² *Carta do visconde de Barbacena a Domingos Vandelli (23 de Março de 1782)*, apud Cristóvão Aires, *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Imprensa da Universidade, 1927, p. 85.

¹³ Cfr. Maria Margaret Lopes, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, São Paulo, Editora Hucitec, 1997, pp. 26-27.

¹⁴ Cfr. *idem*, *ibidem*, pp. 25-26.

¹⁵ Apud Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, *Notícia histórica da Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1976, p. 17.

¹⁶ Cfr. Maria Margaret Lopes, *ob. cit.*, 1997, p. 26.

criados e 3 parelhas”¹⁸ - até 1807, data em que faleceria “novo conde de Figueiró sem geração”¹⁹.

3. O último dos três coleccionadores conectados com o Brasil, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, fidalgo beirão da Casa da Ínsua, exerceu o cargo de 4º Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá desde o ano de 1771²⁰ - substituindo o debilitado Luís Pinto de Balsemão, ameaçado de cegueira - até lhe suceder o próprio irmão, João de Albuquerque, em 1790²¹.

É no centro administrativo da capitania, Vila Bela da Santíssima Trindade, que Alexandre Rodrigues Ferreira o irá encontrar durante o percurso *philosophico* pela Amazônia, chegando ali a utilizar os préstimos da especializada biblioteca particular do Governador²².

De Balsemão, Cáceres herdará o epistolário e a colaboração naturalistas com o botânico régio paduano, o qual continuava a expedir para a capitania amazônica as suas publicações científicas e a solicitar produtos tropicais para enriquecer as colecções da Ajuda. Em duas cartas dirigidas a Domingos Vandelli, ambas de 1773, o novo Governador assumia nutrir “curiosidade” e “amor” pela história natural e abordava genericamente questões relacionadas com as tarefas de recolha e remessa de produtos naturais das capitanias de Mato Grosso, Góias e Minas Gerais que se pudessem revelar úteis ao Jardim, Museu e Laboratório da Coroa, quer como objecto de observação e experiência, quer para servirem de divulgação científica devido à sua raridade: “Por via do meu correspondente nessa Corte (...) V.mcê. (...) me pede alguma quantia de todas aquelas produções deste Paiz, q. podem constituir nos tres diverços Reinos Quimicos, huma grande parte da Historia Natutal dele, para sobre cada clace d’Especies, e de Drogas, fazer as convenientes observações, e experiencias de q. he tão capaz o seu Talento; (...) solicitando adequirir as amostras daquilo, que possa parecer huma raridade na Europa: p. Lizongear o gosto de V. mcê. pela hutil aplicação da Historia Natural; a q. tambem profeço alguma curiozidade; e algum amor. Agradeço a V.mcê o Compendio das novas descobertas, com q. tem últimame. enrrequecido os proveitozos conhecimentos da Botanica: e as belas estampas, q. o acompanhão. E me não descuidarey a enviar-lhe tudo q. possa descobrir a minha deligencia, para poder servir de emprego aos seus profundos Estudos da Natureza. (...) Tenho a honra de remeter a V.m o piqqueno paquete adjunto, que contem varias amostras de Borboletas que mandey colher no meu grande trajecto do Certam; em varias paragens das Capitánias de Minas Geraes, Goyaz e Mato Grosso; e ainda q. hão de chegar muito prejudicadas com os incomodos do transporte, me persuado que sempre poderão servir, quando não para se notar toda a sua beleza, ao menos para contemplar a sua variedade; e V.mcê poderá fazer as suas observaes Phizicas; e o estudo da Natureza de que ellas ainda forem susceptiveis”²³.

Durante a longa e celebrada permanência no Brasil²⁴, onde deixou o nome associado à construção do Forte do Príncipe da Beira, em plena selva amazônica, e à fundação das povoações de Albuquerque e Viseu, nas margens dos rios Paraguai e Guaporé, o Governador exercitou o gosto pelo estudo da natureza tendo encomendado a ilustração de exemplares exóticos da fauna e flora

¹⁷ Cfr. José Sarmento de Matos, “O Palácio de Castelo Melhor”, *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n.º 11, Setembro 1999, pp. 15-19.

¹⁸ *Livros da Décima da Cidade (freguesia de S. José)*, apud Raquel Henriques da Silva, “O Palácio Castelo Melhor: contexto e projecto inicial”, *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n.º 11, Setembro 1999, pp. 21-25.

¹⁹ José-Augusto França, “O Palácio Castelo-Melhor ao Passeio Público”, *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n.º 11, Setembro 1999, p.11.

²⁰ Vide *Instruções que levou Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres quando foi nomeado governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso (13 de Agosto de 1771)*, AHU (Arquivo Histórico Ultramarino), Cod. 614, fls. 1-8 vº, apud Gilberto Freyre, *Contribuição para uma sociologia da biografia. O exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*, 1968, vol. II, pp. 167-175. Tomou posse do governo a 13 de Dezembro de 1772 (Cfr. *idem, ibidem*, p. 194).

²¹ “S.M. foi servida ordenar que (...) o actual Governador de Mato Grosso, Luiz de’ Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, fosse rendido por seu Irmão, João d’ Albuquerque de Mello” (*Gazeta de Lisboa*, 29 de Agosto de 1788, Suplemento). Contudo, Cáceres permanecerá no seu posto até 1790, aguardando a chegada do irmão, para quem redigiu uns *Apontamentos (...) acerca de vários assuntos da Capitania de Mato Grosso (1790-1791)* destinados a facilitar-lhe o governo daquele território (Cfr. Gilberto Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. II, pp. 143-158). Existe no Arquivo da família Albuquerque (Casa da Ínsua, em Castendo, Viseu), citado por G. Freyre (*ob. cit.*, 1968, vol. II, p. 194) um documento manuscrito intitulado *Várias memórias e advertências importantes, feitas para meu irmão João na minha partida de Vila Bela, 1790*. Fez a viagem de regresso a Portugal, desde Belém do Pará, entre 15 de Maio e 4 de Julho de 1791.

²² Cfr. Gilberto Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 149-184.

do Brasil central, com os quais organizou uns magníficos *Livro com desenhos coloridos de borboletas e outros insectos e animais de Mato Grosso*, um *Album com 215 desenhos coloridos de pássaros e 2 do cajueiro* e ainda outro *Album com 100 desenhos de animais e 50 de plantas*²⁵.

No regresso ao Reino será portador da "mais escolhida e mais rica colecção que se pode desejar [de minerais]" bem como de "alguns animais preparados e não poucos desenhos de todo o género de produções dos três reinos e prospectos" - fruto da expedição científica de Alexandre Rodrigues Ferreira - com destino ao Real Museu de História Natural da Ajuda²⁶.

A partir de 1792 integrará o Conselho Ultramarino de Capa e Espada²⁷ e, pouco depois, organizará com as suas próprias colecções um gabinete de história natural - na residência de S. Sebastião da Pedreira - anunciado pela primeira vez no *Almanach de Lisboa* de 1795²⁸. Entretanto, no ano anterior, é provável que tenha aumentado o acervo inicial através da aquisição de colecção privada, particularmente bem fornida de conchas, por "700\$000 réis". Na verdade, uma nota inserta em texto manuscrito atribuído a F. Lesidenberg e intitulado *Description de Lisbonne 1789-1792*²⁹ confronta-nos com a hipótese de ser a ele que se refere - "L. Albuquerque" - como o comprador da colecção naturalista do advogado Francisco Martins Sampaio, vendida em leilão anunciado na *Gazeta de Lisboa*.

O ex-governador - que um dia confessara a Ferreira "o muito que sou demasiado e talvez insaciável nas minhas pretensões quando se trata de com efeito adquirir alguns novos monumentos que enriqueçam as minhas diferentes colecções"³⁰ - enriquecerá o seu Gabinete particular estabelecendo permutas com coleccionadores europeus e retomará a correspondência científica com o director do Jardim e Museu da Ajuda³¹.

Em carta datada de 1796, revela-se fiel colaborador dos estabelecimentos régios combinando com Vandelli mútuas visitas às respectivas colecções e assegurando a vantajosa permuta de duplicatas de espécimens naturais, alguns dos quais lhe continuavam a chegar do Brasil e outros, ainda, provenientes de encomendas que tratava com coleccionadores ingleses: "Sem embargo de menos terem chegado as Pedras Easticas, ou para melhor dizer flexíveis deferida Meia Ponte na Capitania de Goyas, em que V. Senhoria faley. Comtudo por satisfazer no possivel modo ao cumprimento de SAR na expedição dessa remessa de productos naturais do Brasil de maior raridade, e as recomendo

²⁵ *Cartas de Luís de Albuquerque Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (Vila Bela, 25 de Maio e 27 de Julho de 1773)*, AHMB, CN/C-111, 112.

²⁶ (...) Luiz de Albuquerque (...) fidalgo, bom e sábio homem de governo. (...) à nobreza - nobreza ética - que caracterizou seu comportamento como homem de governo, durante dezassete anos, em região ainda agreste do Brasil, juntou (...) o critério científico do seu modo de ser administrador, político, diplomata" (G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 43-44).

²⁷ Os livros encontram-se depositados no Arquivo da Casa da Insua. G. Freyre reproduz no vol. I da sua obra de 1968 alguns destes desenhos (coloridos no original).

²⁸ *Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro (Vila Bela, 2 de Fevereiro de 1790)*, *apud* G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, p. 202.

²⁹ Por notícias insertas no periódico oficial, sabemos ter ocupado os cargos de Conselheiro de Estado, membro do Conselho Ultramarino, e de ter herdado de seu pai a Comenda de S. Martinho das Chãs, da Ordem de Cristo. "Por Decreto de 17 de Dezembro de 1792: Ao Ilustrissimo Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, hum lugar de Conselheiro Ultramarino de Capa e Espada" (*Gazeta de Lisboa, 21 de Dezembro de 1792, Suplemento*): "(...) e desejando elle [Francisco de Albuquerque e Castro Pereira] desistir da mesma Commenda a favor de seu filho Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira Casseres e Castro, do Conselho de Sua Magestade, actual Coronel de Cavallaria, e Conselheiro do Ultramar" (*Gazeta de Lisboa, 19 de Outubro de 1793, 2º Suplemento*).

³⁰ Cfr. *Almanach de Lisboa para o anno de 1795*, Parte VI, pp. 28-29. Alguns testemunhos desta actividade colecionista ainda podem ser hoje encontrados na Casa da família Albuquerque: "Não consta das tradições de família da Casa da Insua que o tivesse acompanhado cunhá [índia] devotada ao seu quase mazombo; ou escrava negra de quem o senhor branco não se soubesse separar no fim da vida: o caso de tanto 'brasileiro' daqueles dias e do século XIX. Nem se sabe de sacos de farinha de mandioca ou de caixas de doce de goiaba que o tivessem seguido. Nem sequer de arara ou de saguim. Apenas bichos empalhados, além de álbuns com pinturas de plantas e de animais, de mapas, de papéis: estes em profusão. E plantas do trópico brasileiro que é tradição da Insua terem-se acrescentado às europeias nos jardins do solar, pelo gosto de Luiz" (G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, p. 207).

³¹ BN, Cod. 13036, fl. 171.

³² *Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro (Vila Bela, 5 de Maio de 1789)*, *apud* G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 201-202.

³³ No desconhecimento deste epistolário - que revela um Cáceres ainda activo, cultivando interesses e amizades - Gilberto Freyre não lhe conseguiu captar a faceta de ex-governador, assegurando que "A verdade, porém, é que Luiz só regressou a Portugal para morrer: muito breve foi a sua vida de 'brasileiro' em terras portuguesas. Não há documento pessoal que nos permita reconstituir esses seus dias de ex-governador. Um ex-governador que governou capitania durante vinte anos é uma figura inevitavelmente melancólica. Mais do que um bispo resignatário que volta a ser simples padre. Ou um embaixador de carreira que deixa a última embaixada para tronar-se simples diplomata jubilado. Ou do que um general que é obrigado substi-

tambem se V. S.^a a quem sempre desejo dar gosto; lhe remeto pelo fiel do Real Museo, Custodio, hum único bocado, menos urgentemente preciso q. apenas conservava (alem de outro maior q. se acha no meu Gabinete) bem que se achasse destinado para huma encomenda da Inglaterra, que se tem feito; e dezejarey que assim mesmo não g.da como he ainda que bem caracterizado encha o fim proposto. Ficando eu de conseito aproveitar a permutação ofrecida por V. S.^a de algum outro producto duplicado que eu escolha dos m.tos que existirão no dito Real Museo, quando effectuarmos a nossa já convencionada visita aquele Sitio, penso deva ser brevemente segunda participarey com alga anticipação. Lembrando tambem a V. S.^a já succedeu que em reciproca vantagem e melhora-mento; possamos então mesmo verificar mais algumas trocas oportunas e que para ambas as partes poderão ser convenientes (....)"³².

A efêmera existência deste Gabinete encerra-se com a incorporação, em 1799, das suas colecções no Museu régio - "No Gabinete, e Museu de S. Mag. se tem ajuntado o de Luiz de Albuquerque Pereira Caceres (....)"³³.

ANEXOS

I

1. Designação/Identificação: Gabinete de Luís Pinto de Balsemão

2. Propriedade: Particular

3. Localização: Belém (Lisboa)

4. Data de criação: 1.^a referência no *Almanach de Lisboa para o anno de 1803*

6. Personalidades: D. Luís Máximo Pinto de Sousa Coutinho, 1.^o visconde de Balsemão (1735-1804). Governador e Capitão-General de Mato-Grosso entre 1768 e 1772. Sócio honorário da Academia Real das Ciências de Lisboa. Ministro de Portugal em Londres até 1788. Director das Escolas de S. Vicente de Fora. Secretário de Estado da Marinha (1795-1796); Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Guerra (1788-1801). Conselheiro de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino e Mercês (1800-1804). Com o título de visconde, em 1801, obteve honras de Grande do Reino.

10. Colecções: História Natural. Produções do Brasil (Pará e Mato Grosso). Projectou publicar uma obra botânica com "descrição, sytemattica, na forma do methodo do Sr. Lyneu". Desenhou "aves, animais e peixes" brasileiros. Publicou *Memoria sobre a descrição physica e economica do logar da Marinha Grande*, no tomo V das Memórias Económicas da Academia das Ciências.

12. Referências

A - Impressas: *Gazeta de Lisboa (11 de Julho de 1795, 2.^o Suplemento)*; *Gazeta de Lisboa (28 de Agosto de 1801)*; *Almanach de Lisboa (1803)*; Jacome Ratton (1813); Inocêncio F. da Silva (1860); Rómulo de Carvalho (1987)

B - Manuscritas:

· *Cartas de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bela, 8 de Fevereiro de 1769, 1 de Dezembro de 1771)*, AHMB, CN/B -92, -93.

II

1. Designação/Identificação: Gabinete de História Natural de Luís de Vasconcelos e Sousa

2. Propriedade: Particular

tuir as botas pelos chinelos, a farda pelo pijama. (...) Homem de ciência, porém, devem-lhe ter servido de consolo a tais tristezas os álbuns de desenhos e de pinturas científicas que levou do Brasil para a Casa da Insua. (...) Voltando de Mato Grosso para Portugal deixou praticamente de existir, quer como homem público quer como particular" (*ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 57-58).

³² *Carta de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (28 de Junho de 1796)*, apud W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 172. Esta carta fazia parte do lote de documentos desaparecidos durante o incêndio do Museu Bocage, em Março de 1978. A sua transcrição, em apêndice documental na obra de Simon, constitui por isso uma fonte primária. O autor americano dá a entender existirem, dos dois homens, outras cartas que, contudo, não transcreve.

³³ *Almanach de Lisboa para o anno de 1799*, pp. 463-465.

3. Localização: Calçada da Glória, Junto do Passeio Público

4. Data de criação: 1795 (data a partir da qual surge publicitado no *Almanach de Lisboa*)

6. Personalidades: Luís de Vasconcelos e Sousa (1740-1807), Vice-Rei e Capitão-General de Mar e Terra do Estado do Brazil, no Rio de Janeiro (1779-1790). Filho do 1º Marquês de Castelo Melhor. Foi protector, no Brasil, de José Mariano da Conceição Veloso. Sócio honorário da Academia Real das Ciências, Graó-Cruz da Ordem de S. Tiago, Inspector das Obras Publicas (1801); Secretário de Estado e Presidente do Real Erário (1803-1807), Conselheiro de Estado, Viador da Senhora Princesa Viúva, Presidente da Mesa do Desembargo do Paço.

7. Públicos: Curiosos. Eruditos

10. Colecções: História Natural. Provavelmente rico em produtos do Brasil.

12. Referências

A - Impressas: *Almanach de Lisboa* (1786, 1795); José Acúrsio das Neves (1794); Rómulo de Carvalho (1987); Carlos Schneeberger Ataíde (1994); Maria Margueret Lopes (1997); João Carlos Brigola (1999); José Sarmiento de Matos (1999); Raquel Henriques da Silva (1999); José-Augusto França (1999)

III

1. Designação/Identificação: Gabinete de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres

2. Propriedade: Particular

3. Localização: Próximo da igreja de S. Sebastião da Pedreira. Lisboa

4. Data de criação: Em 1795, surge a primeira referência inserta no *Almanach de Lisboa*

5. História da instituição: O proprietário organizou a sua coleção de produtos de história natural, no Brasil, onde permaneceu durante dezassete anos, até 1790. Alexandre Rodrigues Ferreira na sua missão amazónica (1783-1792) utilizou a sua biblioteca pessoal no Palácio do Governador, em Vila Bela. Ao regressar, instalou-se em S. Sebastião da Pedreira, continuando as suas permutas científicas com D. Vandelli e permutando espécimens com colecionadores ingleses. Em 1799, é noticiada a incorporação deste Gabinete no Museu da Ajuda. O Arquivo da Casa da Ínsua conserva um *Livro com desenhos coloridos de borboletas e outros insectos e animais de Mato Grosso*, um *Album com 215 desenhos coloridos de pássaros e 2 do cajueiro* e um *Album com 100 desenhos de animais e 50 de plantas*, fruto de encomendas suas a desenhadores-naturalistas.

6. Personalidades: Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, nasceu a 21 de Outubro de 1739. Morgado da Casa da Ínsua (Castendo, Viseu). 4º Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso. Conselheiro de Estado, membro do Conselho Ultramarino, Coronel de Cavalaria, Comendador da Ordem de Cristo. Morreu a 7 de Julho de 1797.

11. Colecções: História Natural. Provavelmente rico em produtos do Brasil. Álbuns de desenhos da fauna e flora de Mato Grosso que trouxe consigo para Portugal, em 1790, e que se encontram no Arquivo da família Albuquerque, na Casa da Ínsua. Também ainda ali se viam, em 1968, alguns "bichos empalhados" e plantas tropicais no Jardim da Quinta. Terá adquirido a coleção, rica em produtos naturais (especialmente conchas) de Francisco Martins Sampaio.

12. Referências

A - Impressas: *Gazeta de Lisboa* (1788, 1792, 1793); *Almanach de Lisboa* (1795-1799); J. C. de Freitas Barros (1948); Manuel Rosado M. de C. e Vasconcelos (1948); Gilberto Freyre (1968); William J. Simon (1983); Rómulo de Carvalho (1987)

B - Manuscritas:

· *Cartas de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (25 de Maio e 27 de Julho de 1773)*, AHMB, CN/C -111 e 112

· *Carta de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (28 de Junho de 1796)*, apud W. J. Simon (1783)